



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI**  
**CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DENTRO DA OBRA LITERÁRIA**  
**“A LÍNGUA DE EULÁLIA”.**

Caetité/Bahia  
2018

**JANE SELMA RIBEIRO FERNANDES ROCHA**

**AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DENTRO DA OBRA LITERÁRIA  
“A LÍNGUA DE EULÁLIA”.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras com Gestão e Coordenação do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Lucélia Alves Magalhães.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Lucélia Alves Magalhães (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Andréia Pereira Villaça  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Rozânia Alves Magalhães  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

*Dedico esse trabalho a minha querida mãe pelo apoio, amor, dedicação que sempre tens me dado, como ninguém! Aqui na terra, nunca achei o amor tão puro como o da senhora, MÃE. Saibas que és uma dádiva do Senhor Jesus para seus filhos! Conte sempre com meu amor, meu carinho e, sempre, minha gratidão!*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Deus, autor da minha vida, sei que sem Ele jamais chegaria até aqui, pois em momento nenhum senti falta da sua mão amiga, da sua voz mansa e suave sussurrar nos meus ouvidos: “Eu estou contigo por onde tu andares, eu vou aonde tu não vais, eu te habitarei quando não tiveres mais força e vigor”. Deu-me também capacidade e forças para concluir esse trabalho e concretizar um dos meus maiores e desejados sonhos.

Agradeço também à minha família pelo carinho, pelo apoio, pelo incentivo sempre disponibilizados a mim durante esse percurso de muita luta! Em especial, ao meu pai, Antônio, à minha mãe, Jonília, por terem sido sempre a minha base e a minha inspiração. E ao meu amado esposo Elisandro por estar ao meu lado durante todo esse percurso, ajudando-me, compreendendo-me, auxiliando-me para que eu concluísse a minha graduação. A você, a minha gratidão! Não esquecendo da maior dádiva de Deus na minha vida, meus filhos: Pedro e Luís Gustavo, joias preciosas, que me inspiram a seguir confiante na vitória! Aos meus irmãos, tanto aos de perto quanto aos de longe, pelas palavras de incentivo que me instigaram a não arrefecer diante das curvas encontradas no caminho!

Aos meus irmãos de fé, pelas orações, pelos conselhos motivacionais e por vibrarem junto comigo em cada conquista impetrada! À minha orientadora, Lucélia, pelo precioso tempo a mim destinado nas orientações, pelo apoio, pela torcida e por ter acreditado em mim.

Agradeço a minhas colegas, companheiras de estrada, pelo aprendizado durante esses anos, pelo carinho e apoio que uma confiou à outra, em especial Rayanne e Thais Cindy pelo companheirismo nos trabalhos em equipe e pela amizade que irá romper os muros da universidade.

A todos os professores do *campus* VI que passaram por mim transmitindo seus conhecimentos e afeto, em especial: Edmilson, Rozânia, Ginaldo Araújo, Lucélia Magalhães, Andréia Vilaça, Denise Carneiro.

Enfim, a todos os funcionários que indiretamente contribuíram para a realização desse sonho e àqueles que torceram pela minha vitória e que cruzaram meu caminho nessa árdua jornada. A Jeane que, com tanto amor, dedicação e competência cuida do colegiado do nosso curso. Enfim, a todos aqueles que torceram pela minha vitória e que cruzaram meu caminho nessa árdua jornada.

## RESUMO

A presente pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, tem como objetivos discutir sobre a formação do português brasileiro e suas variações linguísticas, bem como, analisar, dentro da obra literária “A Língua de Eulália”, de que forma as suas personagens encaram as variantes linguísticas do português não padrão. Tais desejos surgiram ao ler o livro mencionado, solicitado na disciplina *Formação Histórica das Línguas Românicas* e, com isso, perceber que deve ocorrer uma mudança de comportamento por parte das pessoas que se “utilizam” da norma padrão perante as pessoas que não a utilizam. O interesse pelo tema se deu justamente por perceber que grande parte das pessoas do nosso convívio familiar/social fala, à maneira de Eulália, ou seja, de forma diferente do português padrão. Também por observar que essas pessoas são vítimas de muito preconceito. A partir deste fato, surgiu a pergunta que deu norte a este estudo: é possível convencer as pessoas que acreditam no mito de uma língua única, a língua padrão, como único meio correto de se comunicar, de que a língua é um objeto heterogêneo, bem como de que cada pessoa fala de acordo com a sua cultura, com seu grau de escolaridade e, a partir disto, formar cidadãos conscientes da existência do Preconceito Linguístico? Como arcabouço teórico para realização dessa pesquisa, fizeram-se necessários os estudos bibliográficos encontrados em: (BAGNO, 1997, 1999) e em outros autores como: Brasil (2000), Borges (1993), Gnerre (2009), Soares (1994), Antunes (2007), Bortuni (2004), Possenti (2010), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Preconceito. Variações.

## ABSTRACT

The present bibliographic research that has a qualitative approach, aims to discuss the formation of Brazilian Portuguese and its linguistic variations, as well as to analyze within the literary work "The Language of Eulalia", how its characters face the linguistic variants of Portuguese not standard. Such objectives emerged from the reading of the book requested in the discipline Historical Formation of Romance Languages and from that was realized that a change of behavior may occur in people who "use" the standard norm in relation to people who do not use it. The interest in the theme was precisely to realize that most of the people in our family and social life speak like Eulalia, which means a different way from the standard Portuguese, it is also common observe that these people are victims of prejudice. From this fact arose a question that conducted this research: It is possible to convince people who believe in the myth of a single language, the standard language as the only correct way of communicating, that language is a heterogeneous object and people speaks according to their culture, with their degree of education and from this to form citizens aware of the existence of Linguistic Prejudice? To support this research was used the bibliographical studies found in Bagno (1997), and Bagno (1999) and authors as: Brasil (2000), Borges (1993), Gnerre (2009), Soares (1994), Antunes (2007), Bortuniv(2004), Possenti (2010), among others.

**KEY-WORDS:** Language. Prejudice. Variations.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. DE ONDE VEM A NOSSA LÍNGUA: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Variações Linguísticas: a língua é mutável e heterogênea.....	14
2.2 Preconceito: linguístico ou social?.....	16
<b>3. A LÍNGUA DE EULÁLIA: POR QUE É ERRADO FALAR ASSIM.....</b>	<b>19</b>
<b>4. O EXEMPLO DE DONA IRENE: A FUNÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.....</b>	<b>27</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade ainda se veicula um discurso arcaico em relação à língua que falamos. Esse discurso é fundamentado na ideia de que existe apenas uma maneira correta de se falar, ou seja, uma norma padrão considerada “bonita” e “superior”, cujas regras estão contidas na gramática normativa.

A ideologia desse discurso confirma a ideia de que a língua estabelece uma relação de poder em nossa sociedade, isto é, ela é um instrumento de controle e coerção social em que pode ao mesmo tempo incluir ou excluir seus usuários a depender da maneira como estes a utilizam.

Mas, se formos analisar a formação do nosso português brasileiro, veremos que a língua que falamos hoje é fruto de uma mistura de línguas e dialetos trazidos pelos escravos africanos advindos de diferentes províncias da África e indígenas de tribos diversas que foram praticamente obrigados a aprenderem outra língua que não era a sua, nesse caso, a portuguesa.

Por esse motivo, esses falantes acabavam gerando versões alteradas da língua, que conseqüentemente eram transmitidas às crianças, resultando assim em uma diversidade linguística que permanece até os dias atuais.

Dessa maneira, essa pesquisa tem como um de seus objetivos discutir a formação do português brasileiro e suas variações linguísticas, na tentativa de levaras pessoas que acreditam no mito de uma língua única e correta, a padrão, a refletirem que a língua é um objeto heterogêneo e que cada pessoa fala de acordo com a sua cultura, com seu grau de escolaridade e, a partir disto, conscientizar esses indivíduos acerca da existência do Preconceito Linguístico.

Para tanto, tomamos como objeto-fonte de estudo o livro *A língua de Eulália* de autoria de Marcos Bagno no qual buscamos analisar o comportamento das personagens em relação às variantes linguísticas não padrão antes e depois das aulas da personagem, professora Irene.

A partir de então, traçamos alguns objetivos específicos que consistiram em compreender a língua como um objeto heterogêneo; em refletir sobre o uso das variantes da língua dentro da obra; em mostrar como as variantes estão atreladas ao meio social; e em evidenciar o comportamento das personagens mediante a variante não padrão do português.

Esta pesquisa apresenta relevância social na medida em que busca mostrar a necessidade de se trabalharem sala de aula as variações linguísticas, como algo normal, com o intuito de cessar o preconceito linguístico e de formar cidadãos conscientes de que não existe uma norma superior à outra.

Possui também relevância acadêmica porque se propõe a abordar um tema que, apesar de ser muito discutido na universidade, nos cursos de letras, ainda necessita ser trabalhado com mais ênfase na formação de educadores em língua materna dada a existência nos inúmeros casos de preconceito linguístico, especialmente dentro das escolas.

Ainda há a necessidade de esclarecer aos graduandos que não existe apenas uma maneira correta de falar e como nós, profissionais da educação, devemos tratar e trabalhar as variantes linguísticas nas escolas, mostrando aos envolvidos no processo de formação que podemos comunicar e interagir em um ambiente onde as variedades se fazem presentes.

Essa proposta de pesquisa é qualitativa na medida em que busca exploração subjetiva dos nossos estudos e de outras fontes teóricas, como também de natureza bibliográfica, pois estuda e respalda em teóricos que versam sobre o tema.

O trabalho foi desenvolvido a partir das seguintes etapas: em um primeiro momento, houve leituras e fichamentos de textos teóricos que abordam e discutem os conceitos relacionados à temática dessa pesquisa, possibilitando assim a compreensão destes conceitos e a fundamentação da pesquisa.

Num segundo momento foi feita uma sistematização desses conceitos, através da revisão de literatura em que discorremos sobre o tema abordado, promovendo um diálogo entre os teóricos escolhidos.

O primeiro capítulo apresenta um breve histórico da formação do português no Brasil, os principais contribuintes dessa constituição, como e quando se deu.

O segundo capítulo trata das variações linguísticas, quais os fatores que contribuem para que a língua não seja um objeto estático, quais os aspectos que a torna variável diante de cada contexto, de cada região.

O terceiro capítulo discute o preconceito linguístico em relação ao meio social, ou seja, se o preconceito é de fato linguístico ou social.

O quarto capítulo traz a análise do objeto escolhido dessa pesquisa, a saber, uma observação sobre o comportamento das personagens mediante à fala de Eulália, falante da norma não padrão da Língua Portuguesa.

O quinto capítulo discorre sobre a função do professor no ensino da língua materna, como ele pode contribuir para que o aluno não se sinta humilhado, nem prejudicado por falar uma variante diferente do outro.

Em seguida foram feitas as conclusões prévias e considerações finais.

Embasam nossa pesquisa, discutindo leitura, leitores e literatura teóricos como: Brasil (2000), Borges (1993), Bagno (1997), Gnerre (2009), Soares (1994), Antunes (2007), Bortuni (2004), Possenti (2010), dentre outros.

## **2.0 DE ONDE VEM A NOSSA LÍNGUA: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*A história de uma língua está ligada diretamente à história da constituição da sociedade em que ela se formou.*

*(GUIMARÃES, SILVA, SOUSA, 2017, p.34)*

Na epígrafe acima, fica bem nítida a relação entre língua e sociedade. Não se pode falar da história de um dialeto linguístico sem falar do local onde este se formou. Sem dúvidas, o contexto histórico e social nos ajuda a compreender e a explicar a formação de uma língua, bem como suas variações.

Falar do português brasileiro atualmente implica destacar a contribuição dos diversos povos que sobremaneira enriqueceram a nossa cultura e a nossa economia em um contexto de desenvolvimento e principalmente sofrimento dado à escravidão no período colonial.

A formação da sociedade brasileira e da língua que hoje falamos é fruto de um contanto que não apresentava interesses de todas as partes envolvidas, no entanto, todas elas proporcionaram uma variedade de subsídios para o que hoje temos e conhecemos.

E no tocante à nossa língua, não é tão incomum se presenciar situações de preconceito, deboche e julgamentos sobre as variedades que ela comporta. Tais atitudes demonstram claramente um grande desrespeito, talvez proporcionado pela falta de conhecimento, por parte de todos aqueles que um dia tiveram que, por imposição, aprendê-la.

Por isso, faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre o processo de formação do português falado hoje no Brasil.

Foi, a partir de 1500, quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, que se iniciou a história do nosso português. No entanto, nesse primeiro momento, o colonizador (europeu) preocupou-se mais em aprender a língua do colonizado (indígena) do que impor-lhe a sua, havendo então, uma situação de bilinguismo, ou seja, eram faladas as duas línguas nas terras recém-descobertas, o português e o tupi. Como afirma Mattoso Câmara (1979, p. 28):

(...) em contato com o português, que paralelamente se radicou na colônia, esse tupi de intercurso operou antes como adstrato do que como substrato propriamente dito, eram duas línguas que coexistiam simultaneamente no mesmo território.

A partir de 1532, com a efetiva ocupação da colônia pelos portugueses e com a chegada dos jesuítas, que tinham como missão catequizar os indígenas, começa a vigorar uma língua geral, que inicialmente era conhecida como “língua brasílica”. Essa língua era uma versão jesuítica da língua tupi, já que estes “tinham como hábito aprender e usar as línguas das terras onde se instalavam para catequizar e, assim, tentaram dominar a língua dos índios” (MEIRA, 2009, p. 22- 23).

O uso dessa língua geral, não se dava apenas entre uma tribo específica de indígenas e portugueses, pelo contrário, ela era a responsável pela comunicação entre os diversos povos que habitavam a colônia inicialmente como nos confirma Naro e Scherre (2008, p. 4):

Até pelo menos o início ou meados do século XVIII todos os grupos étnicos, índios de diversas tribos, europeus e africanos, sabiam se comunicar usando esse sistema tupi, sem dúvida com conhecimentos mais ou menos profundos, segundo as circunstâncias individuais de cada um. A partir do século XVIII, entretanto, a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual de seu predomínio maciço mesmo entre populações com pouca ou nenhuma ascendência lusa.

Como afirmado acima, foi a partir do século XVIII que a língua geral, por diversos motivos, entrou em decadência vindo a ser substituída pela língua portuguesa. Todavia, não se pode negar que a língua indígena deixou suas marcas no português brasileiro. Muitos vocábulos que se referem à fauna, à flora e aos topônimos (nomes próprios de lugares), são exemplos da incorporação da língua indígena ao léxico do nosso português brasileiro.

Não se pode esquecer também da contribuição do negro para a formação da nossa língua. Estes que foram tirados brutalmente de sua terra natal, a África, e submetidos ao trabalho escravo aqui no Brasil no período colonial.

Assim que chegavam à colônia, os africanos tinham que utilizar a língua portuguesa para se comunicar dessa maneira, adaptavam-na à sua realidade. É o que salienta Meira (2009, p. 31):

Por isso, costuma-se afirmar que a história da língua portuguesa falada no Brasil está estreitamente ligada ao contato entre povos que se processou no início da colonização, principalmente, à voz do escravo africano, para o qual o português foi transmitido de forma irregular. O português, o negro e o índio formaram a baseada população brasileira no período colonial, sendo que estes dois últimos elementos tiveram de assimilar, muitas vezes, por imposição, a cultura e a língua dos conquistadores.

E por terem que assimilá-la, essa nova língua era transmitida de forma irregular e os negros a reestruturavam conforme a sua realidade, ou seja, adaptavam-na ao contexto em que o português era transmitido oralmente sem intervenção de escolas ou instrutores.

Dessa maneira, a língua portuguesa era repassada de maneira informal sem as regras gramaticais estabelecidas por instituições de ensino, o que provocava muitas alterações em relação ao português trazido de Portugal.

Esse fato foi o responsável pela difusão do que hoje é chamado de “português popular brasileiro”, isto é, a língua assimilada pelos africanos e afrodescendentes, que por não possuírem acesso à escolarização a transmitiam de maneira irregular.

Foram as classes menos favorecidas que difundiram a língua portuguesa não padrão “(...) já que o português brasileiro culto, próprio hoje, em geral, aos de escolarização mais alta, será o descendente do português europeu ou mais europeizado, das elites e dos segmentos mais altos da sociedade colonial” (MATTOS e SILVA, 2000, p. 20).

Contudo, foi só a partir do final do período colonial que teve início a difusão desse português culto. E, com a constituição de 1824, houve a necessidade de escolarizar a população brasileira com o objetivo de tornar o ensino universal e obrigatório. Todavia, isso não se efetiva, pois, de acordo com Meira (2009, p. 35):

(...) Em 1872 havia uma enorme carência de alfabetizados, correspondendo a menos de 0,5% o número de pessoas que frequentavam instituição de ensino quer seja de nível “secundário” quer seja de nível superior. Esses

dados apontam para uma heterogeneidade e variação mais intensa no português do Brasil, visto que o controle normativizador atingia a uma pequena parcela da população.

Não são muitos os dados que se tem para demonstrar com rigor a situação linguística do Brasil no período colonial, mas é certa a existência de dois polos. De um lado temos o português popular brasileiro, transmitido de maneira irregular por falantes, em sua maioria, africanos, sem interferência da escolarização.

Por outro lado, temos o português culto, que a partir da política pombalina (período em que o Marquês de Pombal adotou medidas que visavam aumentar o controle político, econômico e administrativo da metrópole sobre o Brasil) torna-se uma língua hegemônica falada pela elite da colônia e acompanhada pelas normas e regras gramaticais transmitidas pela escola.

A existência desses dois polos linguísticos é resultado de um contexto histórico em que há união de três etnias distintas, a europeia, a indígena e a africana. Juntas, elas contribuíram sobremaneira para a formação do nosso país.

Portanto, o português que hoje é falado pela maioria da população brasileira apresenta muitas variações que o diferenciado português culto, todavia, ele é resultado de um processo de contato entre línguas que o tornam, por esse motivo, rico e belo, sendo necessários estudos para compreender essas variedades antes de julgá-las, ou até mesmo, apontá-las como erro.

## **2.1 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: A LÍNGUA É MUTÁVEL E HETEROGÊNEA**

Assim como a sociedade vai se transformando ao longo do tempo, a língua não permanece como um objeto estático, pelo contrário, ela se modifica ao longo do tempo para atender às necessidades linguísticas de seus falantes. Muitos termos ficam obsoletos com o passar dos anos e novas palavras são criadas e agregadas ao seu léxico.

São muitos os fatores que contribuem para que ocorram as variações dentro da língua. Além do que já foi dito a respeito do processo de aquisição ou imposição do português pelos povos indígenas e africanos no período colonial, que resultou no português não padrão, existem outros aspectos que proporcionam à nossa língua uma grande diversidade.

Para Alkmim (2006, p. 31),

Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social etc. De uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

De acordo com essa autora, a variação geográfica tem relação com as diversidades linguísticas que são distribuídas no espaço físico. É possível observar diferenças nas falas de indivíduos pertencentes a regiões distintas. Falantes da região nordeste, por exemplo, apresentam variações linguísticas que se diferem daqueles do sudeste do Brasil, sejam elas fonéticas ou gramaticais.

A variação social ou diastrática se refere a um conjunto de fatores que estão ligados com a identidade dos falantes. São eles: classe social, idade, sexo e contexto social.

Em relação ao primeiro fator, fica claro que aqueles indivíduos pertencentes a uma classe social mais favorecida economicamente terão mais oportunidades e acesso à escolarização e isso possibilitará o emprego da língua que mais se aproxima dos padrões da gramática normativa. Enquanto os falantes de classes menos favorecidas, pelos menos uma grande maioria, não terão tantas oportunidades ou elas serão mais restritas o que resultará em uma variedade linguística mais popular e distante da língua padrão.

No segundo fator, que está relacionado à idade, é bem notável variações entre falantes mais jovens e mais velhos. Os indivíduos com menos idade, tendem a possuir um léxico mais voltado para gírias e expressões que são comuns em redes sociais. Já os falantes com mais idade, dificilmente agregam ao seu vocabulário expressões “criadas” pela geração posterior a deles.

Outro fator responsável pelas variações linguísticas é o sexo. Geralmente homens e mulheres apresentam em sua fala algumas diferenças. O uso de palavras no diminutivo, além de outros recursos expressivos são bem peculiares às mulheres.

E, por o último, ainda segundo a ideia de Alckmin, a situação ou contexto social, que implica no monitoramento da fala pelo seu próprio falante. O indivíduo muda a sua fala de acordo com o seu interlocutor ou o ambiente em que se encontra. É claro que a linguagem empregada em uma reunião de negócios, por exemplo, não será a mesma utilizada em um bate papo informal entre amigos.

A essas variações linguísticas, de acordo com contexto de convívio, chamamos de variações estilísticas ou registros. Nesse caso, os falantes mudam sua maneira de falar, ou seja, usam estilos ou registros, isto, em função das suas interações verbais comunicativas. Segundo Camacho (2007) os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação “decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de modo mais ou menos consciente”. (CAMACHO, 2007, p. 54).

Portanto, no ato de interagir verbalmente, cada falante utilizará a variante linguística de acordo com sua região de origem, sua classe social, sua idade, seu sexo, dentre outros.

Esses fatores comprovam que a língua está sujeita aos seus falantes e não o contrário. Por isso existem tantas variações que, apesar de contrariarem as normas gramaticais, vão continuar existindo, pois ela é um organismo vivo que muda com o tempo, com seu contexto social, entre outros fatores relativos à variante linguística.

## **2.2 PRECONCEITO: LINGUÍSTICO OU SOCIAL?**

No livro “A norma oculta” (BAGNO, 2003, p.15), levanta um questionamento: Preconceito linguístico ou social? “Como pode ser definido o preconceito sofrido por grande parte dos indivíduos da sociedade devido ao seu modo de falar que, por ora, não se adequa aos padrões impostos pela gramática normativa”?

Partindo do pressuposto acima, Bagno conclui que o preconceito linguístico não existe, o que existe é preconceito social. Isso mesmo, os prestígios sociais que possuem as variedades linguísticas das classes favorecidas não são por conta da “beleza” ou da “elegância”, na sua verdade, isso é uma construção ideológica, em que determinadas classes sociais, por algumas razões, assumiram o poder e atribuíram prestígio a si e ao seu modo de falar.

E, quanto aos indivíduos que disseminam o preconceito, o que se pode deduzir é que eles acreditam que a língua é um objeto estático, que não se movimenta que não se transforma e que não muda. Nos mais diversos contextos sociais, ouve-se as pessoas sempre afirmarem que a língua está morrendo, que ela está em decadência, que os falantes maltratam seu idioma ou até mesmo que determinada

maneira de falar é “errada” e “feia”. Sendo assim, é bem notável, que a crença deles é na língua única, ou seja, a língua padrão, considerando a fala não padrão como “erros”.

Entretanto, do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas, as noções de “deficiência cultural”, “carência cultural”, “privação cultural” são inaceitáveis: “não há culturas superiores e inferiores, mais complexas e menos complexas, ricas e pobres: há culturas diferentes. Estes conceitos são cientificamente errôneos”. (SOARES, 1994, p.14).

Nitidamente, essa ideologia de hierarquia entre os grupos sociais é muito presente em nossa sociedade. Os grupos que detêm o poder usam ideologias para se diferenciarem daqueles que têm uma situação econômica menos favorecida. É bem notável que, se uma pessoa de classe social desprestigiada fala uma palavra diferente do português padrão, ela é alvo de muito mais chacotas do que uma pessoa de classe social favorável. São estas atitudes que fazem com que um indivíduo se sinta inferior ao outro.

Bagno (2007) complementa que a língua é um meio de comunicação “ela é um poderoso instrumento de controle social, de manutenção ou ruptura dos vínculos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão”. (BAGNO, 2007, p. 83).

Magda Soares em seu livro *Linguagem e escola, uma perspectiva social*, mostra que há certas atitudes que estigmatizam e desvalorizam as variedades não padrão, não são consideradas como atitudes linguísticas e sim sociais “pois se baseiam em valores sociais e culturais, não em conhecimentos linguísticos. Na verdade, são julgamentos sobre os falantes, não sobre a sua fala”. (SOARES, 1994, p. 41).

Desta forma, percebe-se que o preconceito é muito mais social do que linguístico, pois as pessoas levam mais em conta a classe social na qual o indivíduo está inserido do que propriamente o seu modo de falar.

E, mesmo com o nascimento da Sociolinguística, essa visão distorcida a respeito da nossa língua permanece até hoje e ainda permanecerá por muito tempo. “De fato ainda hoje, passados quase dois séculos de independência política, a sociedade brasileira conserva muito de sua estrutura colonial anterior a 1822”. (BAGNO, 2003, p. 83)

Isso porque, ainda existem alguns indivíduos (e muitos deles já tiveram acesso às teorias da Sociolinguística) que teimam em manter esse preconceito tão arcaico por se considerarem superiores, julgando-se no direito de corrigir o outro que não fala de acordo a norma culta. Na verdade, os indivíduos que pensam assim, não têm conhecimento da língua como objeto heterogêneo. Conforme Freire (2007, p. 150):

(...) é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa e interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo.

O maior problema é que a grande maioria das pessoas acreditam que a língua só tem a função de comunicar. Esquecem de que, além disto, ela só se torna interessante quando a usamos em diversas situações além da comunicação, quando a usamos também como instrumento de diversão, pois a língua vai muito além de um objeto que estabelece relações comunicativas, ela é um instrumento de interação social.

Para Luft (1985, p. 20), o fato de podermos usar a nossa língua da maneira como seus falantes a utilizam em seu dia a dia consiste em:

Talento, que também não tem nada a ver com gramática. Pode-se conhecer muitas regras, saber a língua mais culta, formalizada, e não ser um artista da língua, não conseguir “surpreender, iluminar, divertir, comover”, não passar do trivial. Ao contrário, é normal que a gramática atrapalhe. Raros os grandes escritores familiarizados com regras de gramática.

As variações linguísticas, que são tão criticadas pelos defensores do português padrão, são armas eficazes, muito interessantes, pois, através delas, podemos perceber a originalidade de cada pessoa, ou seja, de cada falante, bem como observar seus aspectos históricos, culturais, seu grau de escolaridade, dentre outros aspectos relevantes para o ser humano como ser social, além da contribuição destes diversos falares para a diversidade do léxico da língua portuguesa.

Bortoni-Ricardo (2006) destaca que, com o crescimento da população brasileira e a intensa migração para a cidade, esses habitantes do meio rural carregam consigo sua diversidade cultural e linguística. De forma semelhante, imigrantes de

outros países também contribuíram para as diferenças da fala de acordo com a região por eles ocupada. Em suma, as variedades linguísticas devem ser valorizadas, ao invés de uma variante ser colocada como superior à outra.

### 3.0 A LÍNGUA DE EULÁLIA: POR QUE É ERRADO FALAR ASSIM?

Marcos Bagno, autor do livro *A língua de Eulália*, é um grande literário que se dedicou aos estudos linguísticos, baseado na gramática normativa. Com várias críticas ao ensino tradicional, Bagno lutou constantemente contra a exclusão social pela linguagem. Um de seus livros publicados que mais se destacou nesta abordagem foi *Preconceito Linguístico* (Ed. Loyola, 1999) e que ainda faz sucesso até hoje.

O livro escolhido como objeto de análise nesse estudo narra a história da docente Irene, que, apesar de aposentada, se dedica a projetos de alfabetização, além de escrever artigos para revistas e livros da área de Linguística, a exemplo do de dona Eulália, sua empregada doméstica. Esta era uma senhora que havia tempos que trabalhava exercendo a função de secretária do lar para Irene.

Assim que chegou à casa da professora, Eulália começou a aprender a ler e a escrever com a patroa. No decorrer do tempo, a relação de amizade entre elas ficou cada vez mais íntima, chegando a ponto de demorar definitivamente com a professora, junto com seu filho Ângelo.

Devido ao ingresso tardio na escola, Eulália continuava falando palavras diferentes do português padrão, por este motivo, as universitárias Vera, sobrinha de Irene e suas amigas Emília e Sílvia começaram a criticar de forma preconceituosa a sua fala, o português não padrão, e a desmerecer seu conhecimento em outras áreas:

— Para dizer a verdade — prossegue Irene —, a Eulália é um poço sem fundo de conhecimento e sabedoria. Todo dia aprendo uma coisa nova com ela. Só de remédios caseiros, feitos com ervas medicinais, dava para encher uma enciclopédia. E como conselheira para momentos de angústia e depressão não conheço melhor psicólogo do que ela. — Pode até ser — comenta Emília enquanto as quatro se sentam num grande banco de madeira sob um caramanchão. — Mas ela fala tudo errado. Isso para mim estraga qualquer sabedoria. (BAGNO, 2006, p.13.)

É possível perceber no trecho acima que Eulália é dotada de sabedoria pertencente ao senso comum, adquirida a partir de suas experiências, vivências e observações do mundo. Embora para Irene esses conhecimentos sejam importantes e valiosos, para as acadêmicas eles não possuem valor algum diante da maneira como Eulália fala. Observamos na fala de Emília o equívoco da noção de “erro linguístico”, pois como ela mesma afirma: Eulália “fala tudo errado”, o que conseqüentemente estraga sua sabedoria.

Todavia, esse pensamento expresso pela personagem e que também está internalizado na sociedade de que existe uma forma correta e outra errada de se falar, não está nem um pouco relacionado às teorias da Sociolinguística. De acordo com Bagno (2003, p. 148):

(...) O conceito de “erro”, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica (...).

Eulália, apesar de ser muito íntima de sua patroa, é uma simples empregada doméstica e o que Bagno afirma acima se adequa muito bem à sua realidade. Talvez o preconceito esteja muito mais relacionado com a sua condição social do que com o seu modo de falar propriamente dito.

Mas, diante disso tudo, o que mais impressiona no livro é o fato dessas jovens universitárias, estudantes de Letras, disseminarem ideias tão arcaicas e que não estão de acordo com as teorias da Sociolinguística e com a preparação do professor de Língua Portuguesa para atuar em sala de aula já que, inevitavelmente, vão encontrar essa realidade.

O que se vê é justamente intolerância e incompreensão com a maneira diferente de Eulália falar, o que resulta em deboche e zombaria por parte das jovens. É o que se pode observar no trecho abaixo:

— Eu tive de me segurar para não rir quando ela disse aquelas coisas na mesa — acrescenta Sílvia.  
 — Que coisas? — quer saber Vera.  
 — Ah, sei lá... agora não me lembro — responde Sílvia.  
 — Eu me lembro — adianta-se Emília. — Ela disse “os problema”, “os fósforo”, “môio ingrês”...

— É mesmo — confirma Sílvia —, e a mais engraçada foi: “percurá os hôme”...  
Sílvia ri, e Emília a imita. (BAGNO, 2006, p.13.)

Ao observar esse trecho, percebe-se que as estudantes universitárias que estavam na casa da professora Irene viam a forma de Eulália falar, que era de acordo com o português não padrão, como algo inadmissível. Elas criticavam e ridicularizavam de imediato a fala da empregada doméstica. Repetiam sempre as palavras que Eulália falava fora do português padrão e começavam a sorrir. Com isso, elas deixam bem evidente a crença de uma língua única.

Para elas, a única forma considerada correta de se falar é a que está de acordo a norma padrão, estabelecida pela gramática normativa, sendo assim, as atitudes delas evidenciam que elas consideram uma língua superior à outra.

Diante do preconceito revelado por parte das jovens, Dona Irene se incomoda com a situação e toma uma atitude com o objetivo de mostrar que elas estavam equivocadas quanto ao seu modo de pensar e que não era daquela maneira que deveriam agir frente a uma pessoa que, por determinadas circunstâncias, não falam como a Língua Portuguesa culta propõe que se fale.

No trecho abaixo, podemos perceber o esforço de Dona Irene para explicar o motivo pelo qual Eulália conversava daquela forma:

— A fala da Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa, só isso — explica Irene.  
— Para mim é errado — diz Emília.  
— É errado dentro das regras da gramática que se aplicam ao português que você fala — diz Irene. — Mas na variedade não-padrão falada pela Eulália essas regras não funcionam. (BAGNO, 2006, p.14)

A explicação dada pela professora aposentada demonstra exatamente o que os conceitos da Sociolinguística apresentam em relação à Língua Portuguesa. Não existe uma forma correta ou errada de se falar. O que existe são maneiras diferentes que cada falante emprega para se expressar. Como já foi discutido anteriormente, são vários os fatores que condicionam essas diferenças. Como por exemplo, classe social, grau de escolaridade, região onde se mora, enfim, nem todos falam de acordo com a gramática normativa.

As variações linguísticas expressas na fala de Eulália decorrem de algumas alterações fonéticas que algumas palavras da língua portuguesa sofreram ao longo do tempo, muitas chegaram a se transformar completamente. Essas alterações fonéticas são chamadas de metaplasmos, que podem ocorrer por supressão, acréscimo, transposição ou transformação de fonemas.

Quando Eulália fala, por exemplo, “probrema” e “ingrês” ocorre a transformação de um fonema em outro distinto, substituindo-o. Esse metaplasmo por transformação é definido como rotacismo.

A dificuldade articulatória de algumas estruturas fonológicas faz as pessoas confundirem-se na pronúncia e criarem novas formas de expressão. É o exemplo da palavra “procurar” que Eulália pronuncia “percurá”. Esse fenômeno é chamado de metátese e corresponde a transposição de fonema dentro da mesma sílaba. É importante ressaltar que Marcos Bagno, na sua obra “A Língua de Eulália” revela que muitas palavras que fazem parte do Português Padrão atualmente são resultantes da transformação que sofreram no decorrer do tempo e que pertenceram um dia à variante não padrão da língua, ou seja, à variante popular.

Então, como se pode observar, todos os fenômenos de variação linguística cometidos por Eulália e por outros inúmeros falantes da língua portuguesa possuem uma explicação dentro da Sociolinguística. São fenômenos que ocorrem constantemente em todo o Brasil revelando a diversidade que deve ser sempre respeitada e nunca inferiorizada.

No entanto, isso dificilmente acontece, pois infelizmente em nosso país:

Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos”, quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos externos pelo prestígio das línguas no plano internacional. (GNERRE, 2009, p. 6-7)

Partindo do pressuposto acima, percebe-se que a classe social que tem maior poder aquisitivo é também aquela que tem a sua língua considerada como superior e conseqüentemente a “correta” e, por esse motivo, deve ser falada por todos.

É justamente isso que a professora Irenetenta explicar para sua sobrinha e as amigas dela. Na verdade, a língua utilizada pelas classes menos favorecidas sofre tanto preconceito quanto elas mesmas por suas condições sociais e econômicas.

Convém salientar, porém, que as classes mais favorecidas, que é quem dissemina esse discurso, constitui-se uma minoria.

Quem fala o PNP?

— Tia, se o português-padrão é falado pelas pessoas que detêm o poder e estão nas classes sociais mais privilegiadas, que nós sabemos que uma pequena minoria da população do Brasil, quem é que fala o português não-padrão?

— O português não padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo, Verinha. É também, conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil — país que tem a pior distribuição da riqueza nacional em todo o mundo —, o PNP é vítimas mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado “feio”, “deficiente”, “pobre”, “errado”, “rude”, “tosco”, “estropiado”. (BAGNO, 2006, p. 30-31)

Se todas as pessoas tivessem o mesmo acesso à escola, não sofressem distinção de classe, não seriam tão criticadas, pois aprenderiam a usar a norma padrão, e dessa forma, poderiam adequar a sua fala às diversas situações comunicativas. Todavia, isso não seria a solução para que houvesse uma sociedade livre de desafios e preconceitos em relação à língua e a outras questões sociais.

Segundo Bagno (2007, p.14) “não é a norma culta que vai resolver todos os problemas de um país, massim apresentar mais alguns e de problemas o brasileiro já está cheio”.

Os linguistas e alguns setores elitizados da sociedade mais tradicionais e conservadores preocupam-se tanto em propagar uma ideologia de língua padrão que se esquecem, ou não aceitam, a ideia de que seria impossível que todos falassem de uma única maneira, haja vista que a língua é um organismo vivo que está em constante transformação. E ainda que isso acontecesse, como Bagno salienta acima, não faria muita diferença, pois essa não seria a solução para tantos problemas sociais que permeiam o país.

Segundo Magda Soares:

Todos os dialetos são igualmente válidos como instrumentos de comunicação. Também não há nenhuma evidência linguística que permita afirmar que um dialeto é mais “expressivo” mais “correto”, mais “lógico” que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos, estruturados (SOARES, 2002, p. 40).

É algo muito nítido na sociedade as críticas que os falantes do PP, os considerados cultos, fazem dos falantes do PNP. Eles se recusam a entenderem que, para haver uma comunicação eficiente, é necessária somente a compreensão da comunicação entre o interlocutor e o emissor.

Em *A Língua de Eulália*, percebe-se que essa realidade não pode ser negada, mas futuros professores de língua portuguesa devem rever seus conceitos para lidar com todos os alunos, de forma igualitária, evitando situações que envolvam preconceito ou qualquer tipo de exclusão. Intervenções e atitudes positivas por parte dos professores de língua materna, nesse contexto, podem proporcionar em sala de aula um bom relacionamento entre os indivíduos que convivem com a diversidade linguística.

Retomamos mais uma vez à obra analisada para mostrar uma conversa entre a professora Irene e as estudantes universitárias, em que, apesar das explicações dadas por ela a respeito da diversidade linguística, as garotas continuam relacionando a variação da nossa língua como algo que desrespeita a norma padrão.

Irene, hoje eu prestei bastante atenção no modo de falar da Eulália e percebi que ela não respeita as conjugações verbais.  
 -----Como assim, “não respeita”? Quer saber Silvia.  
 -----Ela não conjuga os verbos como a gente, “elesgosta”, “nós gosta”, “você gosta” e assim em diante...  
 -----É verdade, tia---confirma Vera. ---Aliás, eu ia mesmo iacomentar que isso também aparece na letra da música que a gente viu ontem. volta, *brinca* na bera da praia” “A Nara canta “as ondas se *espaia*”, “as garças *dá* meia os óio se *enche* d’água”... (BAGNO, 2006, p. 61).

É bem nítido que Dona Eulália sofreu, por muitas vezes, críticas por ela ser uma empregada doméstica e uma pessoa que pertencia a uma classe social desfavorecida, conseqüentemente, seu modo de falar também foi vítima de zombaria e estigma. Isso pode ser confirmado através do que afirma ANTUNES, (2007, p. 90):

Não é por acaso também que, no imaginário social, a norma culta representa uma marca de excelência ou, pelo menos, da boa qualidade de uso da língua; quer dizer, instala-se a vinculação entre a boa linguagem e a classe social de maior prestígio. Conseqüentemente, essa norma culta é a norma prestigiada, e a norma estigmatizada é exatamente a norma da classe menos favorecida.

E, dessa maneira, no decorrer do livro *A língua de Eulália*, a professora Irene aproveita os dias em que as jovens estão em sua casa para mostrar a elas que a maneira como a empregada doméstica Eulália fala tem uma explicação dentro das teorias sociolinguísticas e ela faz isso tomando exemplos de línguas de outros países, fazendo comparações e respaldando em teóricos que estudam constantemente o assunto.

Ao final da história, quando as meninas já estão prestes a retornarem para suas cidades, o que se percebe é que elas se tornaram conscientes a respeito do que Irene havia explicado sobre a variante linguística:

— Enfim, um monte de bobagens — diz Emília.  
 — Isso mesmo — retoma Irene. — E é nessa montanha de bobagens, nesse “lixão” que temos dentro da nossa mente, que jogamos a língua falada pelas pessoas diferentes de nós, criando mais uma ordem de preconceito: o preconceito linguístico.  
 — Mas não devia ser assim — intervém Sílvia, em tom emocionado.  
 (BAGNO, 2006, p. 238).

No trecho acima, podemos ver as falas de Emília e Sílvia com o discurso totalmente contrário ao do início do livro. Emília se refere à supervalorização da norma padrão e a desvalorização da norma não padrão como “bobagens”. Já Sílvia afirma emocionada que não deveria ser dessa maneira.

Felizmente a intervenção de Irene foi muito eficiente no tocante à conscientização dessas futuras professoras de Língua Portuguesa, caso contrário, seria muito triste a realidade da atuação delas em sala de aula.

Apesar de ficcional, essa história nos leva a refletir profundamente sobre a importância da preparação e atuação do professor em sala de aula, que apesar de serem norteados por livros didáticos que ainda se pautam na gramática normativa, devem estar atentos à valorização da diversidade linguística em sala de aula. Esse é um desafio lançado para nós, alunos de letras e futuros professores de Língua Portuguesa.

Isso vai totalmente contra o tradicionalismo do ensino, mas é o que pode ajudar a salvar várias crianças e jovens da evasão escolar. É o que afirma a personagem Irene na obra de Bagno (1999, p. 70):

— A prática tradicional de ensino da língua portuguesa no Brasil deixatransparecer, além da crença no mito da “unidade da língua portuguesa”, a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. Essa pedagogia paternalista e autoritária faz tábua rasa da bagagem linguística da criança, e trata a como se seu primeiro dia de aula fosse também seu primeiro dia de vida. Trata-se de querer “ensinar” ao invés de “educar”.

Quando a criança chega à sala de aula, ela traz consigo uma extensa bagagem de conhecimentos, principalmente em relação à sua língua materna, no momento em que professor desrespeita isso afirmando que sua maneira de falar é incorreta, ele está simplesmente ensinando, o que é bem diferente de educar.

O desrespeito, a estigma e o preconceito com a língua são fatores que, sem sombra de dúvidas, auxiliam no processo de evasão escolar. Para Camacho (2007, p. 29), “uma consequência drástica desse conflito pode ser a rejeição tácita da variedade padrão, em termos de ensino de língua e de outros valores da classe dominante. Na prática, tudo resulta em fuga e repetência escolar.”

O conflito do qual o autor se refere é o choque entre os valores simbólicos que a instituição de ensino impõe e os valores próprios desse aluno que o identificam com sua comunidade. Uma vez instaurado esse conflito, as consequências negativas são inevitáveis.

A escola e o professor como difusores de conhecimento precisam demonstrar o respeito pela liberdade de expressão de cada indivíduo e a língua deve ser ensinada como objeto heterogêneo, de maneira que o preconceito seja combatido. Há uma barreira muito grande para ser quebrada, para que a população tenha os mesmos direitos, sem distinção de posição social ou econômica.

É de suma importância que os docentes, assim como a sábia mestre Irene, mostrem e trabalhem em sala de aula as variedades linguísticas com muita segurança e respaldo, instruindo, sempre, a língua como objeto variável e que a pessoa que fala diferente do PP, não fala errado, mas sim fala uma variante que está em conformidade com sua cultura, seu grau escolar, dentre outros. É fundamental ainda o professor reconhecer a importância e a riqueza cultural da Língua Materna e ser competente para direcionar os alunos, dando-lhes uma consciência cidadã para compreender a língua como objeto heterogêneo.

#### 4.0 O EXEMPLO DE DONA IRENE: A FUNÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Percebe-se que o melhor caminho para nos levar a uma mudança de postura e a nos proporcionar uma contribuição não só para o meio acadêmico, como também para o meio social é aprofundar em estudos que abordam sobre o assunto e termos em mente que a língua ainda está em processo de construção, aliás, constantemente ela se transforma. Conforme FREIRE (2007, p. 150).

(...) importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo.

Todos nós que reconhecemos e valorizamos a variedade da língua, sabemos que os professores de Língua Portuguesa devem ensinar a gramática normativa, mas também devem conscientizar os alunos da existência das diferenças linguísticas mostrando as origens dessas diferenças e sua influência nos aspectos histórico-sociais, explicando e conscientizando-os da necessidade de aprender a norma padrão da língua que nos é imposta para que possam desenvolver a capacidade de monitoração linguística para a adequação de sua variante ao contexto comunicativo no qual estão inseridos.

Em seu livro “Doa-se lindos filhotes de poodle”, Scherre (2005, p. 93) afirma:

— Não sou contra a gramática normativa. Não tenho como ser contra. Na maior parte das vezes, gramáticas normativas são produtos dos grupos sociais de prestígio. Seu ensino tem, nas comunidades modernas, uma função da qual não se pode fugir. Não se pode furtar de ensinar a usar uma arma de luta social. O que tem de ficar bem claro é que, quando professor de português está ensinando gramática normativa, ele NÃO está ensinando língua portuguesa. Língua materna se adquire; não se aprende e nem se ensina.

Sabe-se que, por exemplo, em um ambiente onde há poucas pessoas instruídas, não se deve usar um vocabulário rebuscado demais, pois, dessa forma, a comunicação não se dará de forma eficiente. A língua deve atender às necessidades comunicativas do grupo de pessoas envolvidas num determinado ato de

comunicação. Então, o uso da língua dever ser adequado ao contexto em que estamos inseridos.

É bem notável que as variedades linguísticas diferentes do padrão são alvos de discriminação, principalmente, quando estão relacionadas à fala de pessoas das camadas sociais menos prestigiadas.

A escola e o professor como propagadores de conhecimento precisam praticar o respeito pela liberdade de expressão dessas pessoas e a língua tem que ser ensinada como objeto heterogêneo, de maneira que o preconceito seja extinto. Deve-se valorizar a língua materna de cada discente. A atitude de Irene pode ser tomada como exemplo com o objetivo de destruir esse conceito da homogeneidade linguística:

Alguns estudos têm revelado uma triste realidade no nosso sistema educacional – continua Irene. – Os professores, administradores escolares e psicólogos educacionais tratam o aluno pobre como um “deficiente” linguístico, como se ele não falasse língua nenhuma, como se sua bagagem linguística fosse “rudimentar”, refletindo conseqüentemente uma “inferioridade” mental. Isso cria, no espírito do aluno pobre, um sentimento de rejeição muito grande, levando-o a considerar-se incapaz de aprender qualquer coisa. Por outro lado, cria no professor a sensação de estar tentando ensinar alguma coisa a alguém que nunca terá condições de aprender. Daí resulta que o aluno fica desestimulado a aprender, e o professor, desanimado a ensinar. (BAGNO, 2006, p. 29).

Há uma barreira muito grande a ser quebrada em relação a essa triste realidade citada acima, mas esse rompimento é mais que necessário, pois, tanto o aluno quanto o professor, sofrem e perdem com isso. A ideia de deficiência linguística produz frustração e conseqüentemente prejudica o ensino.

Pensa-se que as divergências quanto ao uso da língua estão ligadas à condição financeira e social, pois as pessoas que possuem mais dinheiro têm maior acesso a uma educação de qualidade. Sendo assim, a língua, além de ser um instrumento de comunicação, é também um instrumento de poder, utilizado, muitas vezes, como controle social.

Devemos ter a consciência de que a formação do sujeito vai além da sala de aula, e para isso a intervenção pode ser constante. Cabe ao professor refletir sobre as suas atitudes, como também ter a compreensão de que ele pode intervir nesse

processo levando o aluno a compreender as variações linguísticas existentes não apenas em sala de aula, mas também no meio em que vive.

A instituição de ensino tem o poder de usar, de maneira eficiente, a língua padrão, mas tem que reconhecer e utilizar as variedades linguísticas, respeitando-as como característica de um determinado grupo social, tal como aponta CAGLIARI (2007, p. 84).

Se os alunos aprenderem a verdade linguística das variantes, geração após geração, a sociedade mudará seu modo de encarar esse fenômeno e passará a ter um comportamento social mais adequado com relação às diferenças linguísticas.

O docente deve aproveitar as próprias variações contidas na sala de aula e trabalhá-las de forma eficiente, de maneira que nenhum falante se sinta menosprezado ou humilhado. Nesta perspectiva:

Quaisquer que sejam as deficiências, distância da língua culta da língua culta padrão, que o aluno apresentar ao chegar à escola, é com esse material disponível que o professor deve começar seu trabalho. E trabalhar em disso, não partir de uma linguagem ideal, contra a língua do aluno, para tentar impingir-lá a este. (LUFT, 1985, p.73)

Em meio a tanto preconceito em relação às variações linguísticas, tudo isso leva-nos a refletir que, na verdade, o que acontece é que a maioria dos professores confunde a diversidade de língua e gramática normativa. Nas aulas de português ensinam somente as regras gramaticais, desta forma, defendem que a variedade de língua correta é somente a que está de acordo ao PP. Conforme a perspectiva adotada pelo autor:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido, um mapa-múndi não é o mundo.... Também a gramática não é língua. A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada em toda resto da língua – afinal, a ponta do *iceberg* que emerge representa apenas o quinto do seu total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e representativa que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico (BAGNO, 2004, p. 9 e 10)

É imprescindível que os educadores conscientizem os educandos da existência do preconceito linguístico, que se desprendam um pouco das regras gramaticais normativas, e não a tenham como se fossem a única forma de avaliar a competência do aluno. ANTUNES (2007, p. 123) ressalta que a gramática tem sido “uma pedra no caminho da escola”, na sala de aula, não somente nas aulas de português, pois as lições de história, de geografia, de ciências, de matemática também são textos, que precisam ser entendidos, sintetizados e incorporados a nosso repertório de informações.

É de suma importância, os professores de língua portuguesa, trabalharem as variações linguísticas dentro do seu contexto de convívio, a sala de aula, não ensinarem apenas as regras de gramática, e não inculcarem o PP como singularidade da fala certa, desprezando os falantes do PNP, além disto, tirando a dinamicidade e autenticidade da língua materna. Ao invés disto, seria muito mais interessante dar ao aluno “(...) a oportunidade de crescer linguisticamente, através da prática constante em aulas que sejam um prazer e uma descoberta oportunidade de manifestação individual e espontânea, em que, ser reprimido nem humilhado por constantes correções de erros (...)”. (LUFT, 1985, p.28)

Portanto, os docentes, como propagadores de conhecimento, podem transformar essas pedras que provocam/causam o preconceito linguístico, em instrumentos necessários para auxiliarem no desenvolvimento do discente. Devem aproveitar do seu conhecimento internalizado, e transformá-lo em um saber sistemático. Como também, respeitar as diferenças dialéticas, e, a partir delas, trabalhar e conscientizar a todos das variações linguísticas.

Valorizar e respeitar o modo de falar dos mais diversos públicos que recebe, permite que a leitura de mundo que cada indivíduo traz em si, faça parte da construção do seu conhecimento e, principalmente, conscientizar os alunos do respeito que se deve ter às diferenças. A escola é formada por nós seres humanos e estes são seres emocionais e racionais, o que permite a reflexão e, quem sabe, uma mudança de comportamento. Mudança esta que se faz urgente e necessária, uma vez que se trata de formação de cidadãos.

A professora Irene mostra de maneira muito clara como um professor pode provocar transformações no comportamento dos alunos que carregam consigo o

preconceito com quem fala diferente do português padrão, pois estes que se dizem estar falando “errado”, estão falando correto de acordo com sua língua materna, com sua cultura, com seu grau de escolaridade e com seus aspectos históricos. Cita-se mais uma contribuição importante de Bagno (1999), que diz:

Ora, já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua — o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são — acidentes de percurso: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas... A noção de erro em língua é inaceitável dentro de uma abordagem científica dos fenômenos da linguagem.

Na obra literária “A Língua de Eulália”, obra escolhida para análise desse trabalho, o autor do livro apresenta trechos que apontam a insistência da docente Irene em mostrar para as estudantes que Eulália não falava errado, mas sim falava de acordo a cultura dela, e com seu grau de escolaridade:

— Quer dizer que a Eulália fala um português não-padrão? — pergunta Emília.

— Exatamente — responde Irene. — A Eulália foi alfabetizada quando tinha mais de quarenta anos. Hoje ela sabe ler e escrever, foi alfabetizada no português-padrão, mas continua empregando no dia a dia a variedade não-padrão que é a “língua materna” dela, usada pelas pessoas de sua família e de sua classe social. Aliás, foi durante a alfabetização da Eulália que eu comecei a refletir sobre esses problemas todos. (BAGNO, 2006, p. 23).

A instituição de ensino tem o poder de usar de maneira eficiente a língua padrão, mas, tem que reconhecer e utilizar as variedades linguísticas, respeitando-as como característica de um determinado grupo social, tal como aponta CAGLIARI (2007, p. 84).

Se os alunos aprenderem a verdade linguística das variantes, geração após geração, a sociedade mudará seu modo de encarar esse fenômeno e passará a ter um comportamento social mais adequado com relação às diferenças linguísticas.

Em suma, nessa perspectiva de ensino abordada pela professora Irene, na qual predomina o respeito, a seriedade e a reflexão, pode-se ocorrer a mudança na maneira de pensar dos alunos, construindo assim uma mentalidade cidadã, uma

maneira de ver as variedades linguísticas com naturalidade e, dessa forma, o sujeito não irá se sentir inferior pela variante falada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O preconceito linguístico é algo que ainda se faz presente com grande intensidade no meio social. Vê-se constantemente pessoas sendo humilhadas por falar diferente do português padrão, principalmente aquelas que pertencem a uma classe social menos prestigiada. Por isso, urge a necessidade dos professores e dos futuros professores investirem mais nesse assunto, pois o menosprezo ao português

não padrão, considerado por muitos como “erros” tem sido um dos principais motivos que levam os discentes à evasão escolar.

As variedades linguísticas é o tema que deve estar presente no nosso currículo escolar. A escola precisa reforçar sempre que a crença no mito da língua única não passa de uma ideia rude, ignorante e que precisa ser esclarecida urgentemente por outros campos da sociedade.

A sala de aula é composta de vários sujeitos, sendo assim, há uma composição de várias culturas, portanto deve-se aproveitar a fala de cada um e trabalhar as variedades linguísticas de maneira inteligente sem menosprezar nenhuma variante.

Dessa forma, os docentes como propagadores de conhecimento, podem transformar essas pedras que provocam/ causam o preconceito linguístico, em instrumentos necessários para auxiliarem no desenvolvimento do discente. Devem aproveitar do seu conhecimento internalizado, e transformá-lo em um saber sistemático. Como também, respeitar as diferenças dialéticas, e, a partir delas, trabalhar e conscientizar a todos das variações linguísticas.

Valorizar e respeitar o modo de falar dos mais diversos públicos com que a escola trabalha, permite que a leitura de mundo que cada indivíduo traz em si faça parte da construção do seu conhecimento e, desenvolvendo nos alunos, a consciência do respeito às diferenças. A escola é formada por nós seres humanos, ou seja, por seres emocionais e racionais, o que permite a reflexão para uma mudança de comportamento e que essa mudança não demore muito para acontecer, pois estamos falando de formação de cidadãos.

Ao refletirmos a cerca das críticas e das chacotas que as personagens Vera, Sílvia e Emília fazem a Dona Eulália, observamos que, com certo tempo, as três passam a compreender que não se deve acreditar no mito de uma variedade única da língua. A partir do momento em que recebem instruções de Dona Irene, elas passaram a não mais criticar, nem dizer que a forma de falar de Dona Eulália estava errada, mas sim diferente do PP. As meninas também passaram a perceber que cada pessoa se comunica de acordo com a sua cultura e o seu grau de escolaridade.

Portanto, cabe a nós, alunos, professores e demais profissionais da área de educação, assim como dona Irene, concebermos a língua como objeto heterogêneo e passarmos a fazer o nosso papel de conscientizar as pessoas sobre os mitos do preconceito linguístico. Dessa forma,

diminuiríamos a humilhação e o menosprezo de algumas pessoas com quem utiliza a norma desprestigiada, a norma não padrão.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.

ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho**. São Paulo, Ed. Parábola,2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**, São Paulo: Contexto, 1979.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 5 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 18-30.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2009.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**- Porto Alegre: L & PM, 1985.

MEIRA, Vivian. **Português brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. In: O português falado no Brasil: evidências sócio-históricas. Org. Vivian Meira. Salvador: EDUNEB, 2009. p. 21 a 39.

NARO, Anthony Julius. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Org. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: Variação Linguística, Mídia e Preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, SOUSA, GUIMARÃES. Aspectos sócio históricos do português popular do Brasil: contato social e constituição histórica. In: **Varição e mudança linguística na língua portuguesa: caminhos sociolinguísticos e (sócio) funcionalista no Sertão da Ressaca**. Org. Valéria Viana Sousa, Jorge Augusto Alves da Silva. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. p. 19 a 40.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola, uma perspectiva social**. 11<sup>a</sup> ed.. São Paulo: Ática, 1994.